

História da Filosofia

24 O Aristotelismo Cristão de Tomás de Aquino

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Muito bem, agora vamos voltar nossa atenção, depois de uma sexta-feira dedicada a ele, para Tomás de Aquino. Certo, e deixe-me retomar brevemente o que estávamos discutindo na quarta-feira passada, quando apresentei a metafísica de Aquino. E deixe-me retomar desta forma.

Você se lembra do contexto histórico, ou seja, que o filósofo muçulmano Averróis considerava Aristóteles como a palavra final e definitiva em matéria de filosofia. Mesmo assim, a interpretação de Averróis sobre Aristóteles gerou diversos problemas tanto para a teologia muçulmana quanto para a cristã. Problemas relacionados à criação absoluta a partir do nada.

Problemas relacionados à imortalidade individual e outros. A esse problema, Averróis respondeu com o que realmente se desenvolveu em uma teoria da dupla verdade. Ou seja, que a verdade das crenças religiosas, as verdades da fé, são formuladas em linguagem popular.

As verdades da filosofia são formuladas de maneira mais teórica, mais precisa. E essas duas perspectivas encontram-se em certo grau de tensão. Bem, esse tipo de posição, obviamente, era muito problemático tanto para os pensadores cristãos quanto para outros pensadores muçulmanos.

Um exemplo típico da resposta cristã foi Boaventura, que, como consequência, rejeitou Aristóteles por completo e prosseguiu com o platonismo, seguindo a tradição agostiniana e desenvolvendo essa linha de pensamento de maneira complexa e própria. Por outro lado, Tomás de Aquino não estava disposto a abandonar Aristóteles. Ele acreditava que, apesar desses problemas, a metafísica aristotélica possuía um grande potencial de compatibilidade com o cristianismo.

E assim ele se pôs a fazer as modificações apropriadas à luz da tradição agostiniana. Portanto, enfatizando a doutrina do Logos com as formas na mente de Deus. Enfatizando o conhecimento que Deus tem das naturezas individuais e sua criação.

E daí surge a possibilidade da imortalidade individual. Aliás, aqueles que estiveram presentes no sábado de manhã podem ter notado a presença de Ronald Feenstra, da Universidade Marquette, que, por coincidência, se mudará no próximo ano para o Seminário Calvin, onde será lançado um programa de doutorado em teologia, incluindo teologia filosófica. Ele será o especialista em teologia filosófica de lá.

Com um nome como Feenstra, é óbvio que ele é holandês. Ronald Feenstra comentou no sábado de manhã, em sua resposta ao último artigo, que fica muito evidente que os pensadores cristãos medievais partiam de uma posição teológica estabelecida, com a qual estavam satisfeitos e confiantes, e modificavam posições filosóficas existentes para atender às necessidades e exigências dessas posições teológicas. E acho justo dizer que esse tipo de procedimento é bastante característico do pensamento medieval.

E eu diria que isso é característico de praticamente todos os filósofos. Se não partem de algo como uma teologia cristã, partem de alguma outra visão de mundo e desenvolvem posições filosóficas para atender às suas exigências e necessidades. A ideia da filosofia como sendo completamente neutra e pressuposicionalista é, a meu ver, tão anti-histórica quanto a ideia da ciência como sendo pressuposicionalista ou qualquer outra coisa.

Mas, em todo caso, o que Tomás de Aquino fez então com a metafísica de Aristóteles, modificando-a para atender às necessidades da teologia cristã? Bem, permitam-me listar uma série de coisas, como fiz na semana passada. Primeiro, ele insiste que Deus não é uma essência, uma forma de todas as formas, um universal, mas que a essência de Deus é existir. Ele é a própria essência da existência.

Ele é a fonte de todo o ser. Ora, para os gregos, veja bem, o conceito de Deus que emergiu era o de alguém que é a fonte da ordem, ou a fonte do bem, ou a fonte da beleza, ou a fonte da inteligibilidade, mas não a fonte da existência. E Tomás de Aquino vê muito claramente que, em qualquer percepção teísta, Deus é a fonte de todo o ser, bem como da ordem e da bondade.

E ele então passa a explorar, por assim dizer, uma metafísica da criação. E, obviamente, a doutrina da criação será a principal contribuição teológica para a metafísica, o que ainda se verifica na última revisão de metafísica que consultei neste fim de semana, no sábado à noite. Há um artigo sobre visões metafísicas da criação à luz da teologia processual contemporânea e em comparação com Tomás de Aquino.

Esse tipo de coisa ainda acontece. Bem, o ponto de vista de Tomás de Aquino então incorporou a doutrina do Logos, transmitida por Agostinho e pelos Padres da Igreja, de modo que, estando as formas na mente de Deus, Deus tem em mente exemplares, arquétipos, para todos os tipos possíveis de coisas. Mesmo para a matéria prima, distinguindo, como faz, entre matéria prima, matéria prima, informe de qualquer forma, e matéria signata, matéria designada.

Matéria que já possui uma forma definida, algum tipo de matéria. A concepção de matéria prima é simplesmente a de pura potencialidade, pura potência. Em outras

palavras, a matéria prima não existe por si só, mas possui o potencial material para qualquer tipo de coisa que possa existir.

E como Deus conhece todas as possibilidades, porque conhece todas as formas, ele sabe o que é a possibilidade pura. E, conseqüentemente, Deus conhece a matéria-prima, inclusive a matéria-prima com seu incrível potencial para tal criação. Bem, no ato da criação, então, o que ele faz é dar existência àquilo que não tem existência, mas apenas potencial para existir.

Não é a atribuição da forma; não é a forma que causa a existência; não é a matéria que causa a existência, mas sim Deus dando o ato, a atualidade da existência, a uma combinação de forma e matéria, que de outra forma seria simplesmente pura potencialidade para essa forma de matéria. Portanto, é Deus quem dá existência ao que de outra forma não existiria, a criação a partir do nada. E tudo o que existe, então, tem sua própria natureza, sua própria natureza conhecida por Deus, seu próprio fim, télos, seu fim próximo, que contribui, dentro da hierarquia de todo o cosmos, para o fim último de que toda a criação deve imitar e glorificar a Deus.

Assim, à sua maneira particular, cada coisa individual na criação é feita para imitar e glorificar a Deus, naquele grau e naquela forma em que se encaixa na bondade do todo. Portanto, o ato da criação, o télos, o fim da criação, e o que temos então é uma teoria das naturezas individuais para todas as coisas criadas, Deus conhecendo as naturezas individuais, uma teoria do que às vezes é chamado de formas substanciais, e você encontrará esse termo usado na literatura, frequentemente sem explicação. Uma forma substancial é uma forma que, juntamente com a matéria, constitui uma substância particular.

Assim, como em Aristóteles, as formas são sempre iminentes nas substâncias particulares, a forma substancial. Além das formas substanciais iminentes nas substâncias particulares, as formas são simplesmente ideias arquetípicas na mente de Deus. Mas é em virtude do ato de existência que o criador dá que, correspondendo a esses arquétipos na mente de Deus, surgem as formas substanciais que conferem às coisas criadas as naturezas que elas possuem.

Bem, é essa a direção que toma. São as formas iminentes aristotélicas, mas também as ideias arquetípicas agostinianas na mente de Deus. São as formas aristotélicas das espécies, mas são individualizadas em virtude de atos individuais de criação, atualizando potenciais e assim por diante.

Os gregos tinham uma tendência a ter uma visão negativa da matéria, considerando-a como algo ausente. A atitude de Tomás de Aquino é muito mais positiva. A matéria tem potencial para... você verá.

E toda essa modificação da metafísica grega para fins cristãos. Muito bem, então esse resumo da metafísica de Aristóteles é o tipo de coisa que você encontrará na leitura desta semana, no pequeno trecho no final da seleção de Tomás de Aquino intitulado "Os Princípios da Natureza". É isso que eu pedi para vocês resumirem esta semana.

Você vai notar que muita terminologia é introduzida, e é justamente isso que você precisa entender. A terminologia, potencial e atual, ou potência e atualidade. Potência? Sim, a matéria-prima é o potencial para a substância .

Ele fala sobre três coisas que são necessárias para a geração . Para as gerações, sim, para que as coisas se tornem realidade, para que sejam geradas. Três coisas que são necessárias.

Matéria, que é um ser potencial. Forma, através da qual a matéria pode vir a ser algo substancial. E privação , isto é, a falta de existência substancial, que precede o devir.

Portanto, três coisas são necessárias para o devir, para a geração. Privação, algo precisa se tornar. Potencial, matéria-prima.

Forma , entende? Essas três coisas. Ora, à parte a existência substancial, nenhuma dessas três coisas é absolutamente nada.

Não existe matéria nua, potência pura. Não existe forma nua, exceto quando incorporada na matéria. Não existe não-existência.

Não existir é não existir. Não existe. Portanto, na medida em que o ato da criação é a criação a partir dessas três coisas necessárias para a geração, a criação surge do nada.

Sim, e em outro lugar ele destaca que, em relação às quatro causas — e ele fala sobre as quatro causas nesse ensaio —, a causa eficiente da criação é Deus. A causa formal é o logos divino, a razão divina. A causa final é Deus, a imitação de Deus.

A causa material não tem nenhuma. Ela surge do nada, entende? Então ele manipula as quatro causas de Aristóteles.

A causa final, naturalmente, é necessária para explicar a natureza orientada para um fim de todos os processos. O télos. E essa causa final se explica, em si mesma, como pode haver uma causa final iminente nas coisas, em virtude das formas, entende, que fornecem o fim ao qual a potência irá ceder.

Sim. Certo, você disse que existem três coisas que precisamos para a geração, que são Deus e a criação de Deus. Certo.

Mas eles não existem de verdade. Certo. Mas se a matéria não existe de verdade, e é apenas uma coisa com três teias, então como você a usa para criar algo realmente extraordinário? O conceito de matéria primordial é algo que pode ser pensado, porque não é nada, em particular, e apenas particulares existem, ela não existe.

Pode-se pensar que Deus pensa nisso. Deus pensa em um mundo espaço-temporal de existência substancial de todos os tipos. Pode-se pensar na matéria primordial, na essência primordial.

Mas, embora você possa pensar nisso, veja bem, em si mesmo não existe. Falta-lhe qualquer realidade. Então, o que ele está dizendo é que a forma por si só não existe e não pode causar a existência.

Apenas a forma? Sim, se só existissem formas, ele seria um idealista metafísico. Essas entidades imateriais, é tudo o que existe. Entende?

Ele é uma espécie de idealista metafísico. Não, ele é um realista. Um realista em relação à existência material.

E ele quer esses compósitos hilomórficos. Você ouviu essa palavra, hilomórfico, sendo mencionada na conferência? Com certeza. Ele quer esses compósitos hilomórficos.

Então, como é possível juntar nada com nada e criar algo? Bem, a forma é a possibilidade de algo. A matéria é a possibilidade de algo. A possibilidade formal, a possibilidade material.

E o ato da existência é quando Deus os une, trazendo-os à existência. Agora, se você acha isso estranho, pode traçar um paralelo com os processos reprodutivos. Não há uma nova identidade genética no espermatozoide ou no óvulo.

Só quando se encontram é que se adquire uma nova identidade genética. Não há ser na matéria, não há ser na forma. Só quando a forma e a matéria se encontram é que se adquire uma identidade substancial.

Agora, você diz que essa é uma analogia ruim porque o espermatozoide e o óvulo já existiam antes. Sim, é por isso que a criação é algo único. É a criação que é absoluta.

Outros tipos de geração não são. Certo? Tenho uma pergunta. Isso significa que Tomás de Aquino tenta chegar a Deus, à forma mais elevada, até o homem individual, em vez de trabalhar com a forma intermediária? Sim.

Muito bem dito. Um dos problemas na interpretação de Averróis sobre Aristóteles era a existência de inúmeros intermediários, talvez uma centena deles, e Aristóteles não concordava com isso. Claro que isso não significa que eles não existissem, que Deus não dependesse da ação deles.

Na teoria dos anjos de Aristóteles, existem intermediários. Intermediários no sentido de que, na hierarquia entre Deus e os humanos, existem esses outros seres imateriais, ou, como ele os chama em seus escritos, substâncias não compostas. Você acha que Aristóteles também poderia ter trabalhado dessa maneira quando disse que tudo deve ser voltado para o bem, as estrelas, todos os planetas, mas não se trata de um envolvimento direto? Não é um envolvimento direto, sim.

Na verdade, há algo interessante. Alguns medievais falavam de anjos percorrendo os circuitos celestes como se fossem os espíritos guia das estrelas. Sim, nesse tipo de cosmologia, embora eu não ache que seja a de Tomás de Aquino.

Não, Tomás de Aquino vê um ato direto de Deus. E ele é bastante claro quanto a isso. Deus é a causa eficiente, não alguma causa eficiente intermediária.

Sim, acho que então você pode analisar esse artigo de Tomás de Aquino e vê-lo como uma explicação das dimensões aristotélicas de sua metafísica. Tomás de Aquino diz que Deus conhece os indivíduos porque conhece todas as combinações possíveis de formas? Sim, acho que é Boaventura quem coloca dessa forma especificamente. A maneira de Tomás de Aquino colocar é que Deus conhece todo o potencial da matéria.

Então, Ele sabe que existe potencial para produzir até mesmo você. Será que Deus conhece potencialidades que não se concretizam da mesma forma que Ele conhece...? Sim, Ele sabe que a essência da humanidade pode se concretizar em diferentes materiais, diferentes aspectos da matéria, para produzir coisas tão diferentes quanto você e os demais. Sim, há uma passagem em Tomás de Aquino que diz que Deus conhece o indivíduo através do conhecimento da forma, através do conhecimento do arquétipo.

Bem, como eu disse antes, a primeira questão abordada por ele na Suma Teológica, escrita em resposta aos averroístas, é a da razão e da revelação, da fé e da razão. Se esta é a sua primeira vez lendo Tomás de Aquino, você achará o método que ele segue na Suma Teológica um pouco confuso. Você verá que ele é estruturado em termos de questões e, dentro das questões, artigo 1, artigo 2, artigo 3 e subquestões.

Em cada artigo, você verá que ele começa com uma declaração de objeções, prossegue dizendo, em contrapartida, que eu respondo, desenvolvendo uma posição positiva. Seguido por: resposta à objeção 1, resposta à objeção 2, resposta à objeção 3. Assim, a forma do texto não é exatamente a de um ensaio ou de uma palestra,

mas sim a de um manual para debate. Porque o debate era a forma de ensino que assumia na universidade medieval.

O que você tem aqui é um manual para debate. Consequentemente, é muito conciso. Você precisa ler praticamente cada palavra.

Ele não inclui dezenas de ilustrações ao longo do texto. É conciso. E, no entanto, é tremendamente rico.

Richard Croner diz que isso gera respeito e cansaço simultaneamente. É exigente e entediante, impressionante e pedante, fascinante e enfadonho. E se você reagiu dessa forma à conferência, talvez seja porque ela também tratava da Idade Média.

Mas esse é o estilo de Tomás de Aquino. Agora, em sua discussão sobre razão e revelação, você pode perceber rapidamente o que ele está tentando fazer. Então, deixe-me projetar isso neste retroprojektor, e poderemos entender rapidamente o ponto dele.

Certo, então. A razão natural tem seus limites no que diz respeito ao conhecimento de Deus. Razão natural, isto é, razão sem o benefício adicional da revelação especial.

O termo revelação especial refere-se, naturalmente, às Escrituras, à vinda de Cristo e assim por diante. A razão natural é limitada no que diz respeito ao conhecimento de Deus. Limitada em graus variados, porque existe uma gradação de capacidades intelectuais entre os seres humanos.

Parte da hierarquia do ser. Hierarquia por graus. Somos seres racionais, mas algumas pessoas mais do que outras.

Assim, surge uma gradação de intelectos, que revela nossa finitude, nossas limitações. Portanto, existe um potencial para conhecer a Deus por meios naturais. Um potencial, sim, mas com limitações.

E uma das limitações é que muito do nosso conhecimento de Deus se dá por meio de analogias. E você se lembra de como Aristóteles distinguiu entre predicação unívoca e predicação analógica? Falando por meio de analogias.

Tomás de Aquino também faz essas distinções no texto sobre os princípios da natureza, que você está lendo. Mas tendemos a pensar em Deus por analogia a outras pessoas. De modo que predicamos a bondade de Deus por analogia à bondade das coisas criadas.

Isso faz parte da limitação da razão natural. Ele reconhece que as limitações da razão humana são intensificadas por causa da nossa pecaminosidade. Mas ele faz uma distinção entre a imagem de Deus e a semelhança com Deus na qual Adão foi criado.

A imagem de Deus se manifesta na razão humana. Nisso, somos seres racionais. Um grau de racionalidade inferior ao de Deus, notavelmente inferior.

Mas é nisso que refletimos a imagem de Deus. A semelhança com Deus é uma semelhança moral. Uma semelhança moral que se perdeu quando Adão caiu.

Uma semelhança moral. E, portanto, a queda, a perda dessa semelhança moral, deixa nossa racionalidade operante. E a queda não danifica diretamente a racionalidade humana.

No entanto, isso afeta indiretamente. Na medida em que uma pessoa tem preconceitos contra certas conclusões. Na medida em que uma pessoa aborda as coisas com vieses.

Na medida em que a mente se distrai com outros amores. E assim por diante. Há inúmeras maneiras pelas quais a condição moral da alma humana pode afetar indiretamente o conhecimento de Deus.

Existe uma interação aí. Portanto, a razão natural tem seus limites tanto na finitude quanto na condição decaída. No que diz respeito ao conhecimento de Deus.

Sim. Ben, sim, Barry. Francis Schaeffer comenta sobre Tomás de Aquino por ter dito isso, e critica Aquino por afirmar que a racionalidade, ou o racional, não é decaída.

Sim, e tecnicamente, ele está certo ao dizer que, devido a essa distinção entre imagem e semelhança, é a semelhança que se perde na queda, não a imagem. Mas isso não significa que a imagem, retiro o que disse, que o funcionamento da imagem, a aceitação de conclusões e o seu envolvimento em atividades racionais, não que essas coisas não sejam afetadas. Elas são afetadas.

Embora Schaeffer estivesse certo em princípio, acho que ele generalizou demais e tirou conclusões erradas. A questão fundamental, qual é a imagem de Deus em nós, é a questão crucial. Entende? É aí que reside a questão.

Schaeffer não sustentou que a racionalidade foi destruída. Na verdade, suspeito que ele, entre todos os apologistas recentes, tenha provavelmente enfatizado o racional mais do que muitos. Portanto, em termos de como ele procedeu, suspeito que o grau de confiança que ele tinha na razão não era muito diferente do de Tomás de Aquino.

Curiosamente, a razão pela qual Tomás de Aquino recebe críticas de alguns protestantes sobre essa questão da fé e da razão não se deve tanto a ele, mas aos tomistas posteriores, da escolástica do período pós-Reforma. Talvez à escolástica do Iluminismo.

Na verdade, o cunhado de Bob Roberts, Arvind Voss, que leciona na Universidade de Western Kentucky, escreveu um livro sobre Tomás de Aquino e Calvino, acho que é esse o título, que trata precisamente das visões deles sobre fé e razão, razão e revelação, no qual ele argumenta que a visão de Aquino sobre razão, fé e razão, é essencialmente a mesma que a de João Calvino. E é um livro publicado pela Eerdmans, você pode conferir por si mesmo algum dia, se quiser. Certo, então a razão natural é limitada.

A Revelação declara o que a razão pode demonstrar. Sim, claramente. Tomás de Aquino acredita que a razão pode demonstrar a existência de Deus e a imortalidade da alma.

Mas essas são coisas que a revelação também declara. Por quê? Bem, as razões são óbvias. Em virtude dos diferentes graus de racionalidade, algumas pessoas não estão capacitadas para esse tipo de trabalho racional.

Pode ser possível demonstrá-lo, mas devido à sua capacidade, devido ao tempo disponível, talvez não consigam fazê-lo. Em segundo lugar, aqueles que conseguissem poderiam descobrir que isso exigiria tempo e esforço excessivos, devido à profundidade do tema ou, como ele diz, devido às distrações da juventude. E suspeito que, se vocês analisarem suas próprias vidas, entenderão o que ele quer dizer.

Por causa das distrações da juventude. Terceiro, por causa da fraqueza de vontade, a fraqueza de vontade, esse é o efeito do pecado na semelhança moral, porque a fraqueza de vontade afeta o funcionamento do intelecto. A maneira como a fraqueza de vontade afeta o funcionamento do intelecto.

Você não consegue persistir nisso, ou não está disposto a seguir até o fim. Seja como for. Ok, número três, a razão também declara, vejamos, Apocalipse, peço perdão, Apocalipse também declara o que a razão por si só não consegue alcançar, como a doutrina da Trindade ou da Encarnação.

Então, temos a imagem popular de Tomé nos dizendo que a razão pode ir até certo ponto, e então o Apocalipse a encontra nesse ponto. Essa é a imagem popular. A mais precisa, eu acho, é que o Apocalipse nos encontra nesse ponto, e a razão pode ir além.

Ou seja, se o Apocalipse, em segundo lugar, declara o que a própria razão pode demonstrar, o Apocalipse vai muito além da visão popular. Em quarto lugar, a fé concorda com essas verdades da fé, como são chamadas, verdades do Apocalipse; a fé concorda com aquelas verdades do Apocalipse, que podem então ser confirmadas pelo raciocínio. Isto é, por meio de evidências e argumentos que deixam claro que tais crenças são, no mínimo, razoáveis, mesmo que você não consiga demonstrar conclusivamente que o são.

E isso demonstra a razoabilidade de certas verdades de fé, ou seja, não há objeção lógica a elas, nada de autocontraditório, e assim por diante; esse é o trabalho do que hoje chamamos de teologia filosófica. Portanto, se você acompanhou a sessão de sábado de manhã até o último artigo, deve ter notado que Tomás de Aquino, Duns Scotus e Guilherme de Ockham foram apresentados examinando argumentos a favor da ressurreição do corpo. Tomás de Aquino sustenta que a razão pode fornecer confirmação racional, não necessariamente prova, mas demonstrar que é razoável, considerando o arcabouço metafísico, algo que Duns Scotus e Guilherme de Ockham não estavam dispostos a afirmar.

Eles sentiam que era uma verdade da Revelação que não podia ser demonstrada pela razão. Assim, ilustrando o número quatro. Número cinco, a razão obtém uma compreensão imperfeita dessas verdades da fé.

Sim, afinal, as pessoas fazem teologia. Compreensão imperfeita. E, em sexto lugar, fé e razão não são mutuamente opostas, porque a verdade é, em última análise, uma só.

E essa última, obviamente, é a sua refutação da alegação de dupla verdade. Então, essa foi a maneira dele de responder ao que Averróis vinha fazendo. Desculpe por termos extrapolado o tempo.